

M'Saho: um grito eterno

★ É Calane da Silva, quem fala deste acontecimento, N. 29/3/88 p.4
que hoje comemora três anos

Entre Chamanculo e Alta Mae nasceu filho de pai português exilado pela monarquia e mãe mestiça de indiano e negra da Salomanga, Raul Alves Calane da Silva. Um poeta não é, só porque sofre, mas porque, de todas as ondas do sofrimento que o envolvem na vida humana, a sua consciência capta algumas das vibrações mais puras, as repercutiu e amplificou dando-lhes uma ressonância ao mesmo tempo individual e universal. É assim que nasce este poeta com as vibrações imortais do seu tempo. Este é o poeta da Malanga Mukwini, autor do livro «Dos meritos da Malanga». Est. é o homem da palavra simples e penetrante, um homem de grande criatividade e emção.

«Criar e defender valores — é já muito, mas não é tudo. É preciso afirmar, lutar pela dignificação do homem na terra. Para Calane da Silva, e muitos mais, 29 de Março de 1985, um ano que já vai longe, é uma história recente: o dia em que pela primeira vez, acontece o M'Saho na cidade de Maputo, no Jardim Tunduru.

M'Saho invadiu Maputo conquistou simpatizantes, poesia, canto, teatro foram sem dúvida os seus pratos fortes. Calane da Silva pensou em M'Saho, Gulamo Khan, seu amigo e incontestável poeta e declamador, apoiou a ideia. Assim surgiu o M'Saho. Mas Gulamo Khan partiu para uma viagem longa, cujo caminho de regresso só se encontra nos nossos corações: impossível o sonho, impossível a vida!

Porquê impossível o sonho? O sonho de ser um Homem no mundo em que para ser Homem não contavam primos do seu adorável espírito. E notou-se. Subiu à sua montanha feita de lágrimas e de sangue — e longe dos Homens foi viver a sua vida. Mas Gulamo Khan, hoje e em cada M'Saho, vive dentro de nós.

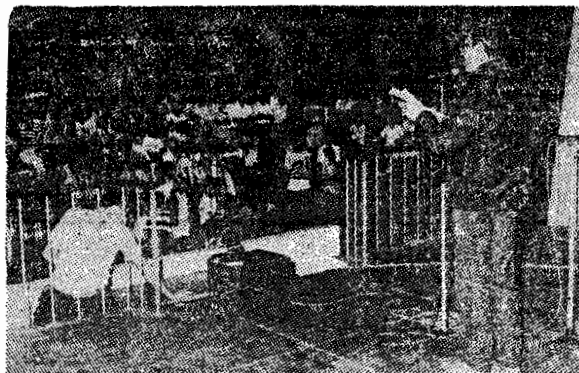
Os anos passaram, os anos disseram: M'Saho crescece, M'Saho apaixonou toda gente. Tomás Vieira Mário, Albano Naroromele, Orlando Mendes não são nomes para serem esquecidos, pois esta actividade no coreto do Jardim Tunduru, conheceu os seus serviços.

Mas M'Saho é uma realização da Associação dos Escritores Moçambicanos com a colaboração da RM e dos jornais «Notícias» e «Domingo». A RM apoia M'Saho materialmente, os jornais «Notícias» e «Domingo» fazem a sua divulgação.

«Notícias» conversou com Raul Alves Calane da Silva, fundador do M'Saho, no quadro do terceiro aniversário deste acontecimento.

NOTÍCIAS — O que é M'Saho, porque M'Saho?

CALANE DA SILVA — M'Saho quer dizer «palavra» quer dizer verso



O Coreto do Jardim Tunduru, no último sábado de cada mês acolhe os amadores do M'Saho. Na imagem (do nosso Arquivo) um aspecto do M'Saho

cantado pelos chopos, é um canto de resistência. Na região de Zavala, os chopos, tinham poesia cantada, poesia de crítica social, e nós temos alguns erros, é necessário que critique, mas esses erros, mas com o objectivo de transformarmos sempre para o melhor.

— Os poetas e escritores escrevem e o público para quem vai sempre dirigida a mensagem lá, ouve. Que relação estabelece, entre os escritores, o M'Saho e o público?

— Nem todos os poetas, escritores, gostam de expor o seu trabalho publicamente. Existem alguns casos como na União Soviética, que o próprio poeta é ao mesmo tempo, um bom declamador. O M'Saho permite

que o poeta possa publicar o seu próprio trabalho e ao mesmo tempo, ao estrante que se dislinha e não tenha receio de recitar. Por essa razão é imperioso levar ao M'Saho poetas, declamadores de grande qualidade e escolherem-se poemas de qualidade, para que sirva de ponto de referência, para que esses jovens poetas, jovens declamadores, se tornem bons poetas, bons declamadores. É por isso que no M'Saho já estiveram bons declamadores, como Gulamo Khan, Agostinho Luís, Maria Pinto de Sá...

— Como surgiu o M'Saho, quais

essa letra é um poema. As vezes nas próprias fábricas apareciam pessoas que contavam histórias, mas nós dizíamos que isso era literatura moçambicana, isto é, literatura oral. Levávamos alguns livros publicados pelo INLD e esgotavam logo, isto era para nós, uma grande alegria. Mas a maior alegria que eu tive, foi quando nos deslocamos a uma aldeia comunal. Lá com os nossos, declamadores, músicos da AEMO, Primeiro apresentámos alguns números, mas ficamos bastante pasmados ao vermos os aldeões a fazerem o mesmo que nós estávamos fazendo e passamos naquele instante a ser espectadores.

Mas, momentaneamente, Calane da Silva cala-se. Teria perdido a fala? Ficamos ainda mais preocupados. Calane agarra a cabeça, uma sombra de tristeza aparece-lhe: «a falta de tempo, a falta de transporte, a não existência de meios económicos e financeiros para extendermos este programa, fez-nos parar. Então contactei o Gulamo Khan e expus-lhe o problema: — por que não criamos um «M'Saho» como noutras capitais do mundo? Os mais jovens vacilaram, mas a ideia foi para a frente. Está aqui o M'Saho a cumprir já três anos...

— Qual foi a sua impressão do primeiro M'Saho, qual foi a reacção do público?

— O primeiro M'Saho dá-se sem energia, teve que se pedir um gerador ao Gabinete de Comunicação Social. Convidou-se alguns poetas, declamadores, músicos e... apareceu muita gente entusiástica. No primeiro dia do M'Saho, apareceram mais estrangeiros que nacionais, mas nos M'Sahos seguintes notou-se a aderência de muita gente. Assim o M'Saho começa a entrar no hábito da população urbana...

— Mas, de um momento para outro, não vemos Calane da Silva na organização dos M'Sahos, a que se deve esta ausência?

— Passado algum tempo tive que viajar para Lisboa, por questões de serviço, e passei a responsabilidade a outras pessoas da AEMO, Orlando Mendes Afonso Santos... Mas o mais importante, é que o M'Saho não morreu, o M'Saho ganhou raízes e teve

grande projecção, não só a nível de Maputo, tanto que algumas capitais provinciais, seguiram o exemplo de Maputo.

O M'Saho está a assinalar o seu



Calane da Silva, um dos fundadores do M'Saho

terceiro aniversário, qual é a sua impressão do M'Saho decorridos 3 anos?

— Eu acho que foi uma boa iniciativa. Por outro lado, acho que as pessoas, as obras, não morrem facilmente mesmo que os seus autores não estejam vivos. O M'Saho arrastou e continua arrastar público para o assistir, vale a pena e valerá a pena continuar. É um espaço cultural que preenche um pouco, a vida intelectual e artística da cidade. Quero felicitar os actuais responsáveis, pelo seu grande entusiasmo e a sua força de vontade, em manter viva esta pequena chama, cultural, no coreto do Jardim Tunduru.

— Não está entre nós um dos fundadores do M'Saho, decorridos 3 anos? Não está já entre nós esse grande poeta e declamador, que com a sua voz povoou o Tunduru. Qual seria a melhor homenagem que o M'Saho poderia prestar a Gulamo Khan?

— Quando do 2.º aniversário, nós pusemos a sua voz no M'Saho, porquê não agora também? Porque não fazemos uma pequena brochura com poemas de Gulamo e vendemos no M'Saho? Mas eu penso que as pessoas poderão sugerir a homenagem que devemos fazer a Gulamo Khan. A verdade é que Gulamo não foi publicado em vida, mas se-lo-á agora.

Calane, depois cala-se, as lágrimas apoderam-se dele. Triste sem palavra, seus lábios quase tremendo, conclui: não sei, talvez se ponha um pequeno busto, no coreto do Jardim Tunduru, em homenagem a esse grande declamador, por que não (?) terminava assim Calane da Silva.